Vozes de Luz no Céu do Sertão

© 2026 – Almir Hildegardes Resende

Vozes de Luz no Céu do Sertão

ALEXANDRE

Obra psicografada por:
ALMIR RESENDE

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-221-3

1ª Edição – 2026

▪ Impresso no Brasil ▪ *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Resende, Almir Hildegardes.
Vozes de Luz no Céu do Sertão / Alexandre ; psicografado pelo médium Almir Resende. 1. ed. – Limeira, SP: **EDITORA DO CONHECIMENTO**, 2026.
132 p.

ISBN: 978-65-5727-221-3

1. Espiritismo – Mensagens 2. Obra psicografada I. Alexandre (Espírito) II. Resende, Almir Hildegardes.

26- CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Espiritismo – Mensagens

Almir Hildegardes Resende
ditado por Alexandre

Vozes de luz ...
no Céu do Sertão



Na vida, há como aprender com o vento, com o mato, com os animais e com o silêncio de Deus.

1ª Edição – 2026

EDITORA DO CONHECIMENTO

Sumário

Tributo a “Antônio Resende de Almeida” 7
Nota de Abertura 9
Introdução 10
Explicações necessárias.....13
Prefácio 16
1. O medo.....19
2. A inveja 29
3. A honestidade.....39
4. A gratidão.....47
5. A preguiça 59
6. A amizade.....71
7. A vingança.....81
8. A riqueza 99
9. A ilusão.....111
10. A morte 123



Antônio Resende de Almeida, conhecido nas redondezas onde morava pelo apelido de Cherin, nasceu no ano de 1936, no coração do sertão do Triângulo Mineiro, em um pequeno sítio daquela comunidade rural. Retornou à pátria espiritual em 2023, já beirando os 87 anos de idade. Homem simples, de pouco estudo, que passou a vida no campo, em meio ao trabalho árduo da roça. O rosto surrado pelo sol e as mãos calejadas pela lida diária com a terra revelavam um trabalhador cujo maior patrimônio era a honestidade escavada na alma e o profundo respeito pelas pessoas.

Viveu uma vida simples, despojada de luxo, mas repleta de imensa dignidade. A rotina não era fácil; não oferecia trégua. Acordava antes do romper da aurora, enfrentando, por vezes, os rigores do frio ou o calor do meio-dia, para cuidar da roça, plantar e colher. Sempre movido pelo sonho de proporcionar aos filhos, ainda pequenos, algo que ele próprio não tivera: uma instrução escolar melhor, que lhes abrisse caminhos além daquela dura realidade vivida por ele no meio rural. O dinheiro nunca foi abundante, mas o amor pela famí-

lia sempre foi vasto e inesgotável.

Chegou o tempo em que o futuro bateu à porta. A esposa precisou acompanhar os filhos que passariam a morar na cidade para estudar. Sozinho, no sítio, o esforço foi redobrado. Trabalhou ainda mais para que nada do necessário faltasse à família. Não reclamava, pois, no fundo do seu coração, sabia que sua luta, sua dedicação e o seu amor cuidadoso e generoso seriam a semente de bons frutos no futuro.

E deu certo. O sertanejo simples, de pouca instrução, porém de imensa sabedoria adquirida com o aprendizado da vida, triunfou. Transformou, com sua perseverança obstinada, o destino dos seus filhos. Seu nome pode não estar gravado nos livros de história, no entanto, o legado que deixou será eterno. Nos corações de Almir e Amarildo (filhos) e de Nayara, Renan e Rafael (netos), ele não será apenas lembrado como um pai e avô amoroso e dedicado, mas, sobretudo, como o homem que, mesmo criado na rusticidade do sertão, conseguiu – com esforço inquebrantável, honestidade e amor – fazer o impossível acontecer para a felicidade dos seus.

Nota de abertura

Este livro nasceu como um gesto de amor.

Um filho que, movido pela saudade e pela gratidão, abriu o coração para eternizar a história de seu pai. Mas os Desígnios Divinos – sempre maiores do que podemos compreender – ampliaram o propósito desta obra. Antes de vê-la publicada, o filho retornou à Pátria Espiritual.

O que antes era homenagem tornou-se reencontro; o que era lembrança transformou-se em presença viva.

Estes dez contos carregam mais do que memórias; traz a continuidade da vida, a certeza de que os laços de amor não se rompem com a morte, apenas se elevam a uma nova forma de existir.

Meu pai, autor deste livro, estava profundamente feliz e envolvido com esta obra. Havia, em seu coração, uma alegria serena, como quem intui que participava de algo que ultrapassaria o tempo e a matéria.

Ao percorrer estas páginas, não encontramos apenas a história de seu pai. Encontramos também a dele – em sua fé, em sua sensibilidade, em sua entrega silenciosa àquilo que acreditava ser um propósito concedido por Deus.

Assim, esta obra se torna uma homenagem que se estende: do filho para o pai... e agora, do filho que partiu para todos nós que permanecemos.

Que este livro possa tocar o seu coração não apenas como leitura, mas como um convite à reflexão, à fé e à certeza de que a vida segue para além do que os olhos podem ver.

Sigo com vocês em mim... na honra e na bênção de ser filha e neta.

Com amor e eterna gratidão,

Nayara Resende

Introdução

O coração amigo, do qual nos valemos da sensitividade mediúnica para transmitirmos determinadas mensagens a outros corações habitantes do plano físico, perguntou-me se não haveria a possibilidade de escrevermos algo edificante, adaptado às tradições, aos valores e às riquezas do sertão.

Disse-me ainda que algo escrito nesse sentido seria uma homenagem ao pai, já conosco na Pátria Espiritual – um homem honrado, de pouco estudo, extremamente trabalhador e dotado de grande amor à vida e aos costumes sertanejos. Seu amado pai nascera e vivera no campo, assim como seus ancestrais – avós e bisavós –, e de lá tirou o sustento e todos os ensinamentos de dignidade repassados a sua família. Feliz por viver ali, naquele pedacinho de chão, guardava, em sua relação de amor e pertencimento ao lugar, uma terna gratidão a Deus pela existência do seu rincão querido.

Ao estudarmos a possibilidade de atendê-lo, pensamos, então, em algo leve e edificante, que refletisse, no conteúdo das lições a serem apresentadas, o encanto de uma vida regada de simplicidade e de afeto pelo local em que se nasce e se vive por toda uma existência.

Lembramo-nos, então, de um companheiro nosso que, em sua última encarnação na esfera física, passara a vida no campo, envolto pela natureza, produzindo os próprios alimentos por meio de hortas caseiras e plantações de árvores frutíferas. Uma rica experiência que lhe permitiu ajustar a consciência e disciplinar o espírito para novos desafios na rota de sua ascensão evolutiva.

Fomos ao encontro dele. Contei-lhe do pedido. Não houve objeção, e sim o argumento:

– Alexandre, meu bom amigo, se você acha que há fatos vivenciados por mim, em minha última experiência encarna-

do, que possam servir de incentivo ao Bem a outros irmãos nossos, fico muito feliz. Nada contra abrir o livro das minhas memórias; contudo, já lhe adianto: não levo o mínimo jeito para ditar a encarnados.

E continuou:

– Agora, caso você se disponha a esse trabalho, posso – e com muito gosto – escrever algumas passagens de que me lembro, e você, sim, poderá transmiti-las para o seu pupilo na Terra. De acordo?

– Sim, de acordo – respondi prontamente.

Eis, portanto, nas linhas a seguir, as anotações que nos foram repassadas por nosso bom "Espírito Amigo", as quais procurei adaptar à consciência mediúnica que nos serve, com a maior fidelidade possível.

São acontecimentos repletos de lições extraídas dos costumes e do dia a dia de um genuíno sertanejo, aparentemente inculto, em seu típico ambiente rural. Lições singelas, porém cristalinas e valiosas – naturalmente verdadeiras e centradas no comportamento humano – sendo, ao final de cada texto, pontuadas com reflexões moderadas, sem complexidades, no intuito principal de ampliar a visão em torno da vida e favorecer a renovação de atitudes no percurso de um futuro espiritual melhor.

Os assuntos, abordados sob a forma de contos, apesar da diversidade temática, possuem uma correspondência espontânea entre si, ligando os fatos a uma única e proveitosa jornada de vida. São aqui expostos de forma simples e clara, objetiva e sintética, permitindo que os desafios dos preceitos éticos e morais incrustados na consciência humana potencializem, sobremodo, a vontade de caminhar na Terra amparado pela bondade, pela justiça e pelo amor.

Em justa medida, procuramos respeitar e retratar na escrita, aspectos dos costumes e do modo de falar do homem ligado ao campo – ao sertão –, o que constitui parte essencial de sua própria cultura, dando ênfase a uma de suas características naturais mais marcantes.

* * *

O tempo amadurece e expande a lucidez da criatura humana.

Com esta modesta obra, sentimo-nos recompensados pela possibilidade de atender o pedido do amigo Almir Resende, companheiro que coopera conosco no uso de suas percepções sensitivas.

Esperamos, por outro lado, haver alcançado também o objetivo de levar ao nosso leitor a certeza de que, em todas as épocas, independentemente da diversidade de culturas, locais e meio sociais, pode-se conquistar – com esforço e conduta saudável – patamares mais elevados de consciência e sabedoria.

Alexandre

Explicações necessárias

Os contos aqui reunidos são fragmentos de uma vida, relatos verídicos de eventos, aventuras e experiências vividas por um sertanejo autêntico do interior de Minas Gerais – sendo ele o próprio narrador das histórias. Suas memórias se desdobram em belas narrativas cuja linguagem é simples, própria do homem do campo, e carregam, por trás da aparente singeleza e feição rural característica, um fundo moral, revelando a complexidade e a diversidade do comportamento humano.

Cada episódio nasce de situações cotidianas, contadas em enredos curtos, diretos, sem artifícios nem mistérios. Nada é inventado, disfarçado ou enfeitado: tudo é transparente, brotando da naturalidade da vida simples do contista. Os personagens, os cenários, os acontecimentos convidam à introspecção e à reflexão sobre o sentido da existência e os caminhos da alma.

Os relatos têm como pano de fundo uma região rural localizada no "Sertão da Farinha Podre", região hoje conhecida por Triângulo Mineiro. Habitada, à época, por um povo pastoril ligado aos campos de roça, à pecuária e à agricultura de subsistência.

Um povo desbravador e fiel a seus costumes que, mesmo isolados das cidades maiores, se reunia com frequência em pequenos vilarejos, ponto de descanso de tropeiros e mascates, ora para pôr em dia as conversas, ora para comprar algum mantimento, mas, e sobretudo, para participar dos festejos religiosos consagrados aos santos padroeiros dos lugares.

O protagonista deste apanhado literário, vasculhando suas memórias, gentilmente compartilha conosco fatos corriqueiros, porém interessantes, vivenciados por ele ao longo de sua última encarnação terrena em um desses ambientes

campesinos, original e fascinante, rico de tradições, valores e cultura. Conhecido naqueles sítios pelo nome de Tião da Dina, em razão de "Dina" ser o apelido de sua mãe Dinalva, tratamento natural e afetivo utilizado na região para melhor identificar as pessoas, visto haver muitos nomes iguais nas redondezas.

Tião, nascido nos primeiros anos do século XX, contava com pouco mais de cinquenta anos de idade. Morava sozinho na gleba de terra de dez alqueires que herdara dos pais já falecidos. Não tinha irmãos de sangue, nem teve a sorte de constituir a própria família. Era um caboclo típico do sertão mineiro, simples, trabalhador, honesto e bom de coração. Apesar do pouco estudo, demonstrava, além da mente ágil com boa capacidade de raciocínio, elevada consciência e fidelidade aos princípios da fé em Deus. Se lhe faltasse, talvez, um tanto de sabedoria nas palavras que lhe saíam dos lábios, compensava tal limitação com a atitude firme de não desprezar ou escarnecer a ninguém.

Dotado de singulares faculdades mediúnicas, exercia sua missão de luz em um modesto centro espírita erguido pelo esforço e devoção dos próprios frequentadores sobre pequeno pedaço de chão cedido por um grande fazendeiro da região. As paredes de adobe, as telhas de barro comum e o chão de terra batida compunham a singela construção, marcada pela simplicidade dos que ali serviam.

Aos olhos do mundo, tratava-se de um templo humilde, quase invisível em sua pobreza material; no entanto, sob aquele teto simples pulsava uma grandeza espiritual imensurável, onde a fé, a caridade e a esperança se entrelaçavam silenciosamente, fazendo daquele espaço um verdadeiro farol de luz para as almas que ali buscavam consolo e orientação.

Entre os diversos dons que carregava, Tião possuía o de se comunicar intuitivamente com os animais. Conseguia captar deles as emoções, as vontades e até os temores mais sutis. Conversava naturalmente, como quem falava a velhos amigos. Uma conversação criativa e descompromissada que, à primeira vista, poderia parecer fantasia, porém, sob a ótica espiritual, era uma comunhão sensível mediada por tutores

espirituais – espíritos benfeitores que serviam de elo de amor entre o homem e os animais não humanos, transmitindo-lhes ensinamentos e orientações vindas do plano Maior.

De modo especial e mais constante, essa relação se dava com o burro de estimação, parceiro fiel nos afazeres do sítio, fosse na lida com o gado, nos trabalhos de tração com a carroça ou com o arado. Assim, Tião dividia o silêncio e a sabedoria dos dias com ele.

Se havia excesso de imaginação, por outro lado, os acontecimentos inusitados não fugiam do equilíbrio do bom senso. Na realidade, a conexão energética telepática, por vezes estabelecida, era sugestão emanada de seu próprio "mentor espiritual" que, cautelosamente, valia-se das experiências terrenas como instrumento de aprendizado, para conduzir o pupilo a etapas mais amplas e desafiadoras de sua jornada evolutiva.

Essa convivência, impregnada de afeto e espiritualidade, é a origem dos relatos desse livro que transcendem a mera descrição da vida rural. São histórias que permitem aos animais – preservando suas naturezas próprias – participar da tessitura moral e filosófica das narrativas, como mensageiros simbólicos do diálogo entre o Criador e suas criaturas.

Assim, cada conto revela-se mais do que uma simples narrativa: torna-se um espelho sensível da alma humana, refletindo suas dores e esperanças. É por meio de Tião – em sua inteireza simples com a vida – que somos conduzidos a compreender que o Amor de Deus, essência suprema que sustenta e harmoniza toda criação, entrelaça – humanos e não humanos – em uma única e eterna corrente de vida.

Almir Resende

Prefácio

Em meio à poeira das estradas de terra batida e ao silêncio denso das madrugadas sertanejas, caminha Tião da Dina – homem simples, de fala mansa e alma desperta – conduzindo seu burro, o amigo de quatro patas, por entre veredas esquecidas do sertão, no interior do Brasil. No entanto, sobre o lombo do animal não seguem apenas mantimentos e ferramentas: viajam também memórias, preces murmuradas ao vento, histórias entrelaçadas ao tempo e ensinamentos colhidos em uma vida de trabalho, espiritualidade e serviço no bem.

Neste relato sincero e profundamente humano, Tião compartilha vivências moldadas pela fé e pela humildade, encontrando abrigo para os seus dilemas do dia a dia no diálogo com o invisível. Médium espírita em uma comunidade rural, aprendeu a ouvir – com o coração sensível – os sussurros da espiritualidade, muitas vezes intuídos por meio de seu inseparável companheiro de jornada, o burro, que carregava não só cargas, mas também mensagens revestidas de sabedoria e beleza singela.

O sertanejo, Tião da Dina, partilha suas memórias como quem oferece água fresca ao viajante sedento: com generosidade e satisfação por servir.

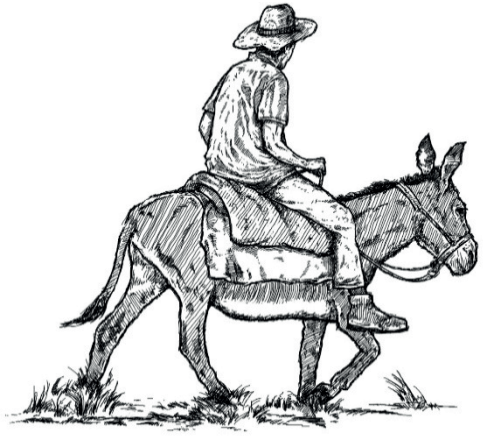
Mais do que relatos ou uma história de fé – *Vozes de Luz, no Céu do Sertão* – é um convite sereno à introspecção e ao autoconhecimento. Sem dogmas ou pretensões, abre espaço para a renovação de atitudes, o resgate da escuta interior e a construção de um caminho mais justo, amoroso e consciente. Um encontro entre o sertão e o sagrado, entre o homem e o invisível e, sobretudo, entre o leitor e si mesmo.

Nayara Resende



O MEDO

A persistência supera os limites



Mesmo quando superado o medo, isso não significa a sua eliminação total e absoluta, pois que novas situações podem exigir precaução e vigilância que se apresentarão em forma de temor[1].

[1] FRANCO, Divaldo Pereira, Conflitos Existenciais. Ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7ª edição. Salvador: LEAL, p.58.

Estava em casa, no meu ranchinho querido e abençoado por Deus. Já tinha terminado de colocar o trato para as criações, debulhado milho para as galinhas, jogado ração para os porcos no chiqueiro. Toda a bicharada do terreiro estava de papo cheio e eu já tinha até catado lenha seca para o fogão.

Resolvi, então, sossegar um pouco. Sentei-me num banco ali do lado de fora do rancho e, enquanto fazia uma horinha para ir tomar banho – já que a água no caldeirão de ferro, esquentando no fogão de lenha, ainda não tinha mornado direito – comecei a picar fumo para enrolar num bom pito de palha.

E lá fiquei, pitando o cigarrinho de palha, olhando o dia se ajeitar para mais uma daquelas tardezinhas sossegadas de domingo, no meu rincão querido. O céu, todo azul, começava a ser tingido pelos últimos raios amarelos do sol, como quem vai avisando a passarada que era hora de sossegar as asas, parar com o alvoroço e ir buscar algum galho de árvore para se aninhar e, por lá, passar a noite protegida do sereno e das armadilhas do mundo.

No meio desse sossego, admirando o céu listrado de amarelo, vermelho e laranja enchendo mais de beleza o mundão que Deus criou, avistei um bando de pato selvagem indo direto para a lagoa. Pensei logo comigo: "Uai, sô!! Se eu for inté lá e acertar argum, vou é ter um belo de um 'assado' pro jantá... e amanhã, inté posso levá a sobra, na matula, quando for pro roçado".

Não cheguei a pensar duas vezes sobre o assunto. Peguei logo a minha espingarda cartucheira de dois canos – herança do meu velho pai – e chamei o Burro, que estava pastando perto do curral. Coloquei nele o cabresto e mais um saco de linho surrado, no lombo. Nada de arreio, porque iria demorar. Montei e rumamos num trotezinho ligeiro para lá. A lagoa não ficava muito longe do rancho. O Diamante, meu cachorro boiadeiro, quis acompanhar, mas não poderia deixar. Ele seria um estorvo, pois era certo que começaria alguma correria e latição pelo pasto.

Já tinha feito essa caçada outras vezes, mas, pelo que lembrava, era a primeira vez que o Burro ia junto. Chegando